

# La comprensión del mundo actual a través de la didáctica de las ciencias sociales en el ámbito iberoamericano



Ainoa Escribano-Miralles  
Alejandro López-García  
María Victoria Zaragoza-Vidal  
(Editores)



El libro está desarrollado gracias a la labor investigadora del Grupo de Investigación DICSO (Didáctica de las Ciencias Sociales) de la Universidad de Murcia y financiado por los proyectos de investigación:

- “Conceptos metodológicos y métodos activos de aprendizaje para la mejora de las competencias docentes del profesorado” (PGC2018-094491-B-C33) del Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades. Secretaría de Estado de Universidades, Investigación e Innovación.
- “El pensamiento geográfico e histórico del alumnado de Educación Primaria en la Región de Murcia: propuesta metodológica innovadora para una educación de calidad” (20874/PI/18) de la Fundación Séneca. Agencia de Ciencia y Tecnología de la Región de Murcia.
- “Competencias docentes y métodos activos de aprendizaje. Una investigación evaluativa con el profesorado en formación de ciencias sociales” (20638/JLI/18) de la Fundación Séneca. Agencia de Ciencia y Tecnología de la Región de Murcia.
- “La enseñanza y el aprendizaje de competencias históricas en Bachillerato: un reto para lograr una ciudadanía crítica y democrática” (PID2020-113453RB-100) de la Agencia Estatal de Investigación.



Editum. Ediciones de la Universidad de Murcia



Cómo citar esta obra:

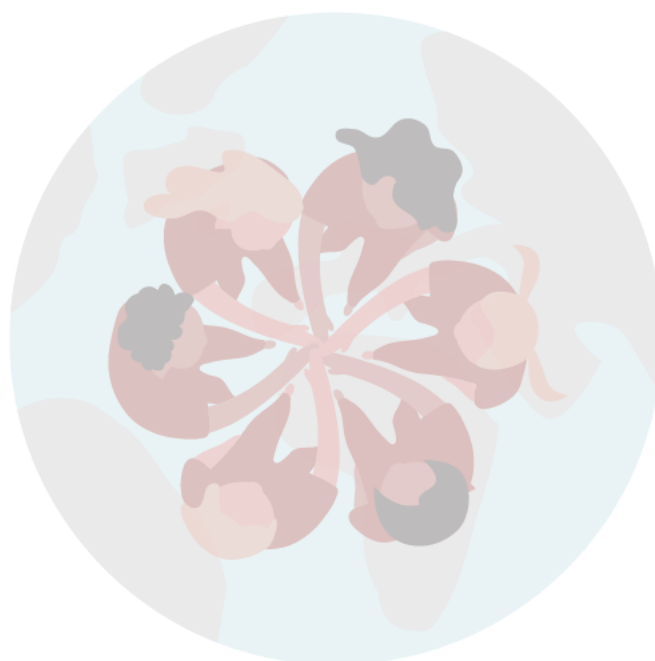
Escribano-Miralles, A., López-García, A., y Zaragoza-Vidal, M.V. (Eds.) (2022). *La comprensión del mundo actual a través de la didáctica de las ciencias sociales en el ámbito iberoamericano*. Editum. Ediciones de la Universidad de Murcia.  
<https://doi.org/10.6018/editum.2949>

DOI: <https://doi.org/10.6018/editum.2949>

ISBN: 978-84-09-40239-7

Si el lector detecta algún error en el libro o bien quiere contactar con el autor, puede enviar un correo a [publicaciones@um.es](mailto:publicaciones@um.es)

Diseño de la portada: Ainoa Escribano-Miralles



Escribano-Miralles, A., López-García, A., y Zaragoza-Vidal, M.V. (Eds.) (2022). *La comprensión del mundo actual a través de la didáctica de las ciencias sociales en el ámbito iberoamericano*. Editum. Ediciones de la Universidad de Murcia.  
<https://doi.org/10.6018/editum.2949>



Se permite la reutilización y redistribución de los contenidos siempre que se reconozca la autoría y se cite con la información bibliográfica completa.

# CAPÍTULO 26. PERCURSOS DO BARÃO DE FORRESTER NO DOURO VINHATEIRO – UMA SAÍDA DE ESTUDO VIRTUAL

Elsa Pacheco, Jorge Alves, Laura Soares

*(Universidade do Porto)*

## 1. Introdução

O estudo dos processos de perceção do espaço e da interação humana contribui para o desenvolvimento de um ensino dirigido para a promoção de cidadãos mais solidários, em linha com uma educação mais humanista, preconizada por Delors (1998) e exagerada nas mais recentes orientações do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (DR, despacho nº6478/2017).

Nesse sentido, enquanto docentes de Geografia e História, inquietados pelas restrições da pandemia, procuramos soluções didáticas que ajudem a colmatar a impossibilidade de uma das estratégias de ensino&aprendizagem mais importantes nesse domínio – as saídas de estudo, nas quais se impõe, cada vez mais, o desenvolvimento de competências integradoras de análise do mundo (Fontinha, 2017), nomeadamente através de metodologias mais apelativas para os jovens, como o são os modos digitais (Wang *et al*, 2014).

É com este desígnio que propomos o desenho de uma viagem virtual que contribua para a perceção do processo histórico de construção e consolidação da identidade de um território classificado pela UNESCO, em 2001, como Património da Humanidade – o Alto Douro Vinhateiro e sua ligação às cidades do Porto e Vila Nova de Gaia, em ligação fluvial de 120 km.

O exercício persegue quatro objetivos principais: (i) reconhecer o papel dos promotores e organizadores do conhecimento; ii) compreender os processos de apropriação do espaço e construção do território; (iii) valorizar a diversidade humana e cultural como fator de desenvolvimento; (iv) contribuir para a preservação da memória e para a promoção da identidade local.

## 2. Metodologia e proposta didática

Em termos metodológicos, ensaia-se o cruzamento, no espaço e no tempo, de dados analógicos e digitais que possibilitam efetuar uma saída de estudo virtual centrada na leitura da transformação do território, através do confronto documental do “antes” com o “depois”, ancorada no relato, com mais de 100 anos, do inglês Joseph James Forrester.

O exercício didático assenta, portanto, na simulação de uma viagem online do Porto ao Alto Douro, a partir do texto “Viagem para o Douro” - conjunto de 12 cartas publicadas por Forrester no jornal português “O Commercio”, em 1854 (Miranda, et al (dir.), 1854), cartas estas já reeditadas por Bennet (2005).

Forrester foi um negociante de vinho do Porto que, entre 1831-1861, articulou a residência em Vila Nova de Gaia com uma quinta no Alto-Douro, viajando no rio Douro, tendo-se revelado como enólogo, mas também como aquarelista de paisagens, publicista e fotógrafo. Mas foi como cartógrafo que se distinguiu com trabalhos complexos para a época – o *Mapa do País Vinhateiro do Alto Douro* (1841) e *O Douro Português e País Adjacente* (1843) (Ferreira, 1970), ambos com várias edições/revisões.

Dividimos as cartas publicadas em três partes: primeiro do Porto ao início da Região Vinhateira (cartas 1 a 5); depois focalizamos a região Vinhateira (cartas 6-8) e, finalmente, as quintas e do Cachão da Valeira (cartas 9 a 11), esquecendo a 12ª carta (com tema lateral à viagem ao Douro) (Fig.1).

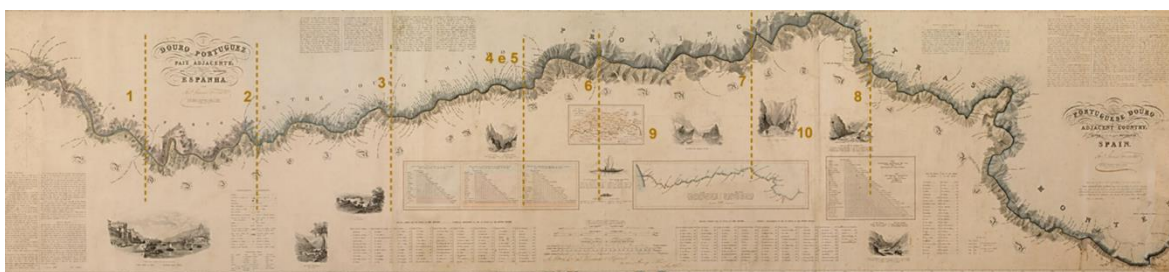


Figura 1. Mapa do “O Douro Português e País Adjacente” (1843), identificando os trechos de rio descritos nas cartas de Forrester no “O Commercio”, 1854.

O percurso aí descrito foi georreferenciado numa base cartográfica interativa – no ArcGis StoryMap, e ilustrado com mapas, textos, fotografias e vídeos, reposicionando lugares e memórias, em confronto com a atualidade, bem como os

processos históricos de mudança do território e da paisagem, onde se destaca o efeito de construção de sucessivas barragens e de outros equipamentos catalisadores das transformações territoriais. Para exemplificar as possibilidades de exploração dos recursos utilizados nesta viagem de estudo virtual, disponibilizamos uma curta demonstração em <https://arcg.is/0i1zO>, enquanto neste texto centraremos a nossa atenção nos temas mais relevantes tocados nas 12 cartas e, portanto, que podem ser desenvolvidos nesta atividade de leitura das transformações dos territórios a partir dos contributos de Forrester.

### 3. Resultados

#### 3.1 O início da viagem até à Região Vinhateira

##### Do Porto a Porto Manso (Cartas 1 a 3)

Navegar no rio Douro no tempo anterior às barragens, constituía uma significativa odisséia. Além das barcas de passagem, para a grande viagem existiam os barcos rabelos, adequados ao transporte das pipas de vinho que do Alto Douro seguiam para as caves situadas em Vila Nova de Gaia (Fig.2). Tinham uma vela quadrada para aproveitarem o vento e um fundo chato, adequado a passagens com pouca água ou para serem alados em zonas de penedias através da sirga.



*Figura 2. Os barcos e as pontes no rio Douro entre o Porto e Vila Nova de Gaia. Da esquerda para a direita: imagem de Forrester - mapa de 1843; construção da ponte Luís I, 1885(historiaschistoria.blogspot.com); panorama atual.*

A subida era lenta e difícil, mas a descida era ainda mais perigosa em face das correntes que, em determinados locais, podiam arrastar a embarcação. Conhecer as marés que se faziam sentir no curso final do rio, os ventos e outros elementos era fundamental para navegar nas condições oferecidas pelo Douro: “Quem quer seguir viagem do Porto pelo rio Douro acima, deve lembrar-se que até Pé de Moura quase nunca no verão os barcos carregados poderão passar sem maré, (...)”

escolhemos, por conseguinte, a hora da maré, que deitava das 3 para as 4 horas da tarde para a nossa saída hoje.” (Forrester, 11.9.1854)

O conhecimento meteorológico adquirido com a prática permitiu calcular os favores da maré e de vento forte pela popa para o arranque, tendo pela frente mais de uma semana para subir o Douro, num percurso por etapas: “Chegamos às 8 horas e meia a Carvoeiro, 3 léguas e meia da cidade, andando a razão de 3 quartos de légua por hora. O leito do rio Douro até este ponto é uma pouca de areia - o canal para a navegação é estreitíssimo e atualmente na baixa maré apenas traz de 2 a 3 palmos de água.” (Forrester, 11.9.1854).

O autor enuncia as povoações avistadas, acrescentando funcionalidades e/ou memórias adscritas aos lugares. Entre outras: da margem esquerda, Quebrantões, notável por ter permitido a travessia das tropas luso-britânicas na Guerra Peninsular e depois ali se constituir uma barreira fiscal que perdurava; Avintes, terra das padeiras que abasteciam a cidade; Campanhã, com o “isolado palácio arruinado do Freixo”; Valbom, “terra de pescadores”; Carvoeiro, marcante pela “quantidade de lenhas e madeiras que manda para o Porto”; Gramido, lembrado pela ponte de barcos na guerra civil, em 1833. Além da atividade dos lugares e/ou apontamentos sobre a sua história, Forrester também faz anotações sobre as populações: “... enquanto os homens se ocupam na agricultura, as mulheres conduzem os seus barcos com géneros ou passageiros para o Porto”, o que faziam a cantar, ignorando “a fome e a miséria”. (Forrester, 11.9.1854).

No segundo dia prosseguiram viagem apenas “...depois de grande trabalho da parte da tripulação que andou na água a levantar o barco para poder passar no seco de Verjiella - e custou-nos a chegar a Melres, levando-nos três horas a andar esta pequena distância de meia légua! (...) Entre Carvoeiro e Melres passamos na margem esquerda do rio o povo de Pé de Moura, sendo este o extremo ponto onde chega a maré e donde a maior força da carqueja é remetida para o Porto. Em contrapartida, Forrester exprime visões de terra fértil nas margens, mas sem prosperidade visível: “As habitações são miseráveis e não há entre elas uma única casa que se possa supor pertencer a lavrador abastado”. (Forrester, 20.9.1854) E faz referências à beleza da paisagem que se vislumbra pelo vale do Tâmega, afluente do Douro, lamentando a sua não utilização para estabelecer comunicações com o interior.



*Figura 3. Foz do rio Tâmega, Da esquerda para a direita: finais do séc.XIX (GisaWeb, 1909); Google Earth, 2019 e imagem atual.*

No terceiro dia, a digressão avança mais três léguas, de Fontelas a Porto Manso. Apesar da viagem decorrer com mais facilidade, deixando as margens que impressionavam pelas penedias sobranceiras, ainda sobravam obstáculos: “...não há pontos nem galeiras ainda que nos pontos da Retorta, do Colo, Tojal e Escarnide não deixam de fazer sua corrente que bastante embaraço causa à navegação quando não há vento de meia vela a favor...” (Forrester, 20.9.1854)

Aqui, a apreciação de Forrester sobre as povoações mudavam de tom! Vimeiro, “terra de arrais de matriz e trasfegueiros”, com “muito boas casinhas”, parecendo viver bem, por ser um antigo cais desde a Companhia da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, em contraste com as outras povoações marginais. Situação idêntica, se verificava em Pala, “terra de arrais e lavradores – todos abastados”. E Porto Manso, “povo de bastante importância e onde se encontram os arrais mais relacionados com o grande comércio de vinhos do Porto”. O transporte fluvial tinha os seus pontos de concentração e produzia riqueza para os proprietários e responsáveis das embarcações. (Forrester, 20.9.1854)

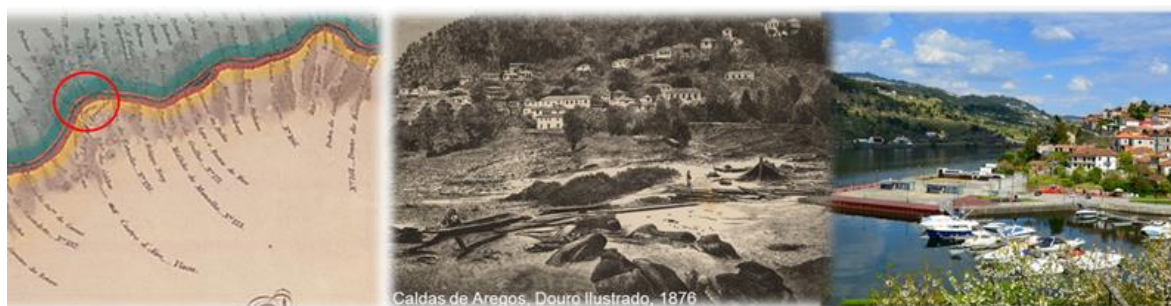
#### Do Porto Manso a Piar (Cartas 4 e 5)

Em Porto Manso, Forrester evoca experiências diferentes das que descreve até aqui. Lembra o convento de Ancede, agora em abandono, após o encerramento pelos liberais. Lembra o amigo e compadre, o arrais António de Oliveira Dias, “mestre o mais hábil no Douro”, recordando um lauto banquete e as variadíssimas iguarias, concluindo com o seu registo crítico mais direcionado à produção vinhateira: “Em mui poucos países tenho assistido a jantares mais bem servidos e abundantes (...). Tivemos excelente caldo, vaca cozida e arroz – galinhas cozidas com presunto e salsichões – enorme peru assado com o seu picado à Ancede – (...) presunto de Melgaço feito em fiambre – boa cernelha de vaca assada – três



coelhos bravos ensopados (...) um leitão muito tostadinho – e meia dúzia de perdizes mortas (...) seguiram pudins, pão-de-ló (ou cavaca fina), biscoutos, morcelas, melancia, melão (...), pêssegos e doce de calda; - porém nem um só cacho de uvas, nem tão pouco uma garrafa de vinho!” (Forrester, 27.9.1854).

Ao fim de mais um dia de viagem, chega ao Ponto de Piar - “um dos mais interessantes em todo o Douro, 1º por ser a chave das montanhas do distrito vinhateiro, e 2º por ser o único sítio em todo o rio onde se tentou fazer uma ponte de pedra”, obra sem seguimento. Nas margens do percurso, povoações, hoje com algum relevo, eram apontadas como “insignificantes povos”, entre elas Porto de Rei, Barqueiros, Aregos. (Forrester, 27.9.1854).



*Figura 4. Aregos. Da esquerda para a direita: mapa de Forrester (1843); Douro Ilustrado (1876) e imagem atual.*

Anotação interessante sobre a anterior “demolição das azenhas do rio”, para facilitar a navegação, o que levou ao aparecimento de “moinhos em barcas sobre alguns pontos do rio”, admirando-se Forrester de, apesar de os ventos soprarem constantemente, não se verificar o seu aproveitamento para a moagem. Não obstante, era em moinhos dos ribeiros afluentes do Douro, com relevo para os do rio Cabrão, que os cereais das povoações vizinhas vinham à moagem, incluindo cereais do Porto, trazidos da raia fronteiriça à cidade, 30 léguas de distância, para depois seguirem de novo 6 léguas rio acima para a moagem e a farinha regressar ao Porto. Atividade que fazia admiração a Forrester, pela ineficiência verificada, num sistema que implicava ainda os serviços do tradicional migrante galego como carregador.

O escasso avanço na viagem era justificado pelas características do percurso neste segmento do rio, em que navegar era deslizar ou alar sobre as pedras do leito, pois “a cada passo há uma galeria que torna a navegação perigosíssima em toda a

marca do rio” (Forrester, 27.9.1854), com leito a descoberto e visíveis os obstáculos à livre navegação.

### **3.2 Um olhar mais atento sobre a Região Vinhateira**

#### O Baixo e Alto Corgo e o Douro Superior (Cartas 6 a 8)

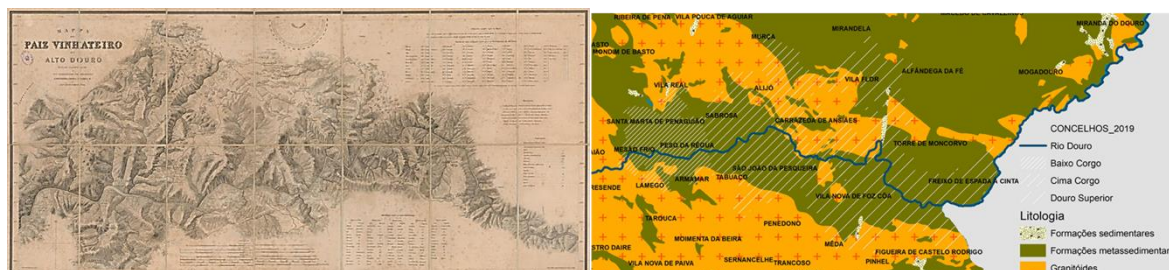
No percurso de Piar à Régua, o autor assinala uma paisagem distinta ao passar pelas localidades de Barqueiros, Mesão Frio, Caldas e outras: “acabam os granitos e principiam os xistos e o país vinhateiro do Alto Douro”. Atendendo à geologia, o rio ganhava novas configurações: “O Douro faz bastantes voltas (...) as suas margens são muito elevadas e cobertas de vinhas, entre as quais se notam alguns pomares e grande número de sabugueiros. O rio leva mui pouca água - não se veem pedras algumas, ainda que enormes bancos de areias estão depositados sobre grandes açudes de pedra de lousa.” (Forrester, 6.10.1854)

Minuciosa é a descrição da Régua, povoação que “vai cada vez em aumento” na ribeira, com “muitos e belos armazéns para os depósitos de vinho”, com destaque para a casa da Companhia, onde se faziam as reuniões das provas do vinho. Recorda o mercado do vinho de antigamente e a ação controladora da Companhia monopolista, com direitos de comprar pelo preço que ela própria impunha, de escolha do vinho para embarque e de subsídio estatal para a compra do vinho aos produtores, privilégios abolidos com o liberalismo.

Forrester assinala ainda a diferenciação existente na produção vitivinícola da região: “Acima da Régua, o rio Corgo e defronte o rio Barosa formam os limites do país vinhateiro conhecido pelo distintivo de Baixo Corgo, cujos vinhos são mais palhetes que os do distrito contíguo”.

Revela a inquietação surgida da observação das vinhas entre Mesão Frio e Régua, onde “a moléstia tem estragado as uvas todas”, com variações que procurara, em vão, fotografar. A isto se referia *O Comércio*, em notícia distinta, de 9 de outubro, informando como novidade que, Forrester, “munido com a máquina de invenção humana com que a natureza se rouba a si mesma, copiava os sítios mais interessantes do país vinhateiro”, com o objetivo de ornar o mapa geológico do rio. E afirmava: “vimos as provas negativas, que não de servir à reprodução fotográfica desta linda cercadura do mapa”, indicando a intenção de Forrester ilustrar os mapas com estas fotografias para a exposição de Paris”. (*O Comercio*, 9.10.1854)

Na viagem em direção ao Pinhão, retoma a questão da subdivisão regional: ““Já disse que os rios Corgo e Barosa separam o Baixo do Cima Corgo - o Rio Pinhão separa este do resto do distrito vinhateiro, que eu chamo o Alto Douro” (Fig. X). E expende informações sobre os outros rios tributários do Douro: “entre o Corgo e o Pinhão são o Tedo, o Távora e o Torto”.



*Figura 5. Mapa do País Vinhateiro do Alto Douro, 1841 (esquerda) e enquadramento atual (direita)*

Avança depois noutro sentido, indicando conhecer quase todas as propriedades desde o Piar até Barca d’Alva, bem como as irregularidades no comércio do vinho do Porto: vinho que entrava de fora da Demarcação, adulterações, uso da baga do sabugueiro, uso de diversas castas, mas diz não avançar mais para não ferir interesses particulares e prejudicar inocentes.

Passa então à descrição dos povoados das margens, com “algumas casas limpas e boas” em contraste com os “cardanhos e miseráveis casinhas que estão em volta”, aponta a miséria das ruas e estradas que não conhecem as “inovações da civilização”. Todos os bens externos são transportados em bestas de carga e os produtos derivados da prodigalidade da natureza local (vinhas, oliveis e pomares) não se conseguiam exportar, pelo que os “habitantes vivem miseravelmente”, “mais habituados à opressão do que à proteção”: “Esta gente pobre raras vezes se lava, nem tão pouco as casas onde vivem. (...) Geralmente deitam-se vestidos, não mudando de roupa meses inteiros!” (Forrester, 9.10.1854)

Assinala as condições de navegação neste segmento do rio, agora quase sem penedias, por ser área de xisto, mas critica o abandono de trabalhos no leito entre o Corgo e o Pinhão. Evoca as múltiplas leis e impostos para promover as comunicações, mas as estradas ficavam sempre em projeto. Articular as estradas com o rio era fundamental para ajudar a contornar os “pontos ou galeiras” (Forrester, 9.10.1854).

Entre o Pinhão e a Valeira – Alto Douro, Forrester navega entre as fragas e o alcantilado das margens, não vislumbrando caminhos, a não ser o do rio, paisagem pontilhada, apenas, com algumas povoações (Casal de Loivos e Foz Tua, na foz do rio Tua) e os ribeiros de S. Martinho “que separam os xistos dos granitos e são mui notáveis as vinhas na lousa de um lado de cada um dos ribeiros e as grandes e continuadas fragas de granito nos outros lados”. Mas o tom da narrativa denunciava, em diversas passagens, o prazer que o autor sentia ao observar a paisagem da região vinhateira: “as margens apresentam vistas sublimes que encantam o verdadeiro artista e amador da natureza. Nos Culmaços tornam a principiar os xistos e, por conseguinte, as vinhas e estas na sua vez acabam na Valeira, por baixo do célebre monte de granito de S. Salvador do Mundo.” (Forrester, 11.10.1854)

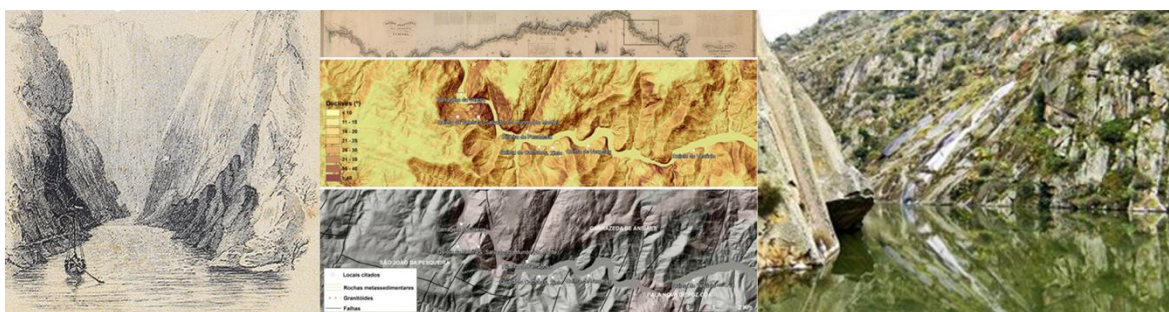
De igual modo, apesar de assinalar a escassez da população nestes locais áridos, pois, fora das vindimas, “apenas fica um caseiro em cada adega” todo o ano a tomar conta das quintas, o que leva Forrester a dizer: “Honra seja feita a esta classe dos habitantes do Douro”, pois eram eles os responsáveis pelos granjeios da vinha, pelo fabrico do vinho e sua conservação até ser carregado, recebendo uma modesta remuneração anual para sustento da família. Agora, tudo ganha vida, porque era o tempo das vindimas: “... o país parece outro, ranchos de trabalhadores com cestos cheios de uvas às costas, comboios de bestas carregadas com odres, conduzindo vinho de umas adegas para as outras; centenares de mulheres nas vinhas, vindimando as uvas e cantando as suas modinhas, os homens nos lagares pisando as uvas ao som do tambor, viola e gaita de fole; é o que se vê e ouve em todas as direcções.” (Forrester, 11.10.1854)



*Figura 6. Aspetos das vindimas. À esquerda e ao centro imagens de finais do séc.XIX (fotografias de Biel, finais secXIX); e imagem atual (à direita).*

## O Cachão da Valeira e as quintas (Cartas 9 a 11)

A carta nº 10 é dedicada ao Cachão da Valeira, lugar de referência incontornável no Douro, para assinalar que ali se interrompia a navegação, dada a existência do cachão ou catarata. A demarcação pombalina tinha ali o seu limite, na Quinta da Valeira, “encostada ao grande penhasco de granito por onde o Douro se precipita numa longa e estreita fenda”. Numa fraga à esquerda, uma inscrição assinalava o derrube do Cachão pelas obras da Companhia, que decorreram entre 1780 e 1791. Mas o lugar continuava a ser perigoso para a navegação, cuja passagem se fazia por um canal estreito, em que as “margens são rocha viva, que não têm menos de 1500 palmos de altura”. O Cachão era o “sitio mais romântico e importante do todo o rio Douro” (Forrester, 16.10.1854). [ironia do destino, ali Forrester perderia a vida, em 1861, quando a embarcação em que seguia se voltou, desaparecendo para sempre o seu corpo].



*Figura 7. Cachão da Valeira: à esquerda, desenho de Forrester (1848); enquadramento litológico (centro) e imagem atual (à direita)*

Da beleza afunilada do rio, sobe ao alto do monte, ao santuário de S. Salvador do Mundo e Senhora da Penha e às panorâmicas que daí se avistavam, usufruindo de momentos de êxtase, “entregue ao novo mundo criado na minha imaginação, à admiração da natureza e dela ao Criador de tudo”. (Forrester, 16.10.1854)

Descido o monte, a viagem continuou até à quinta do Vesúvio ou das Figueiras.

Na 11ª carta, Forrester curva-se perante a grandeza das propriedades da família Ferreira, louvando o empreendedorismo de José Bernardo Ferreira: “O génio empreendedor e franco de seu dono à custa de grossos cabedais, e de penoso trabalho, fez que se tornasse um terreno, que era escabroso, pela maior parte inculto, cheio de rochedos, e rodeado de precipícios, em vinhas, campos, oliveais, pomares, jardins, armazéns, lagares, e um bela e apalaçada morada de casas. (...)

Desde Travassos até Paredes se elevam nesta quinta um sem número de socalcos, lançados em forma de grandes degraus: estes socalcos feitos em ordem a sustentar horizontalmente o terreno que os separa, não são feitos de alvenaria como nas outras quintas: são grandes e grossos paredões de pedra faceada, e de espaço a espaço com um largo lanço de escadas, que os comunica.” (Forrester, 20.10.1854).



*Figura 8. Quinta do Vesúvio: à esquerda, aguarela de Forrester (Cluny, 2008); e imagem atual (à direita).*

Panorâmicas, dispositivos de água, pomares, jardins, construções, casa, capela, lagares são vertentes passadas em revista por Forrester, para acrescentar depois outras quintas no património da família Ferreira, mas rendendo-se aos encantos da Quinta do Vesúvio, a “quinta das quintas – uma das maravilhas do mundo, outrora parte de uma cordilheira de montanhas incultas, agora servindo de monumento do quanto podem vencer a inteligência, perseverança, e o génio empreendedor do homem, é o VESÚVIO, ou QUINTA das FIGUEIRAS”. (Forrester, 20.10.1854)

#### **4. Considerações Finais**

A possibilidade de “subirmos” o rio Douro na companhia das descrições de J. J. Forrester, datadas de meados do século XIX, ilustradas com documentos da época (imagens e mapas) e georreferenciadas em bases cartográficas atuais, permitiu-nos desenvolver uma saída de estudo virtual. Através dela, podemos captar as alterações na paisagem através da leitura que o autor nos faz, desde a navegação em barco rabelo e seus obstáculos às observações sobre as margens (usos do solo, atividades da população), em contraste com a paisagem atual, sustentada na construção das barragens e seus efeitos na regularização do curso do rio e condições de navegabilidade). Acreditamos que, com este exercício é possível

demonstrar a importância que cada indivíduo tem, ou pode ter, na construção do conhecimento, na construção e preservação do território e, portanto, na promoção da identidade dos lugares e regiões.

Foi possível, portanto, cruzar os lugares com os tempos, observando as mudanças também na forma de encarar a dinâmica económica, vislumbrando nos textos de Forrester o defensor da liberdade de comércio, a levantar a mesma voz, que já levantara dez anos antes no Porto e lhe merecera tantos ataques, quando pedia “plena liberdade para cultivar a videira livremente em toda a parte, para que o vinho possa ser embarcado sem mais alcavalas, provas e peias que por um século têm arrasado o país, manietados os lavradores, fazendo até criminosa toda e qualquer inovação que se encaminhe em progresso” (Forrester, 20.10.1854). Um grito de liberdade mal visto pelos interesses instalados na “região demarcada”, precisamente para ser regulamentada e, assim, defendida, ainda que à custa de uma desigualdade social gritante, que deixou entrever nas suas crónicas.

### **Referências bibliográficas**

- Bennet, N., (2005). Joseph J. Forrester's viagem para o Douro. *Douro. Estudos & Documentos*, 20, 211-267.
- Biel, E. (2016). *O Douro do Vinho na Obra do Fotógrafo Emílio Biel*. In-Libris.
- Cluny, I. (coord.). (2008). *Barão de Forrester. Razão e Sentimento*. Peso da Régua: Museu do Douro.
- Delors, J. (coord) (1998) *Educação: um tesouro a descobrir. Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*. UNESCO.
- DR Diário da República (2017) Despacho nº6478/2017. 2ª série, de 26 de julho.
- Ferreira, J. (1970) *Duas cartografias célebres: o mappa do paiz vinhateiro do Alto Douro e o Douro portuguez e paiz adjacente pelo Barão de Forrester*. Boletim Cultural.
- Fontinha, F. (2017) Saídas de Campo no Ensino da Geografia: Uma Metodologia Ainda Atual. *Revista de Educação Geográfica*, 1, 79-91.

- Forrester, J. J. (1854). Viagem para o Douro. *O Commercio*, 11.9.1854 a 20.1854. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. Vila Nova de Gaia <https://arquivo.cm-gaia.pt/creators/13983/>
- Wang, S., *et al* (2014). An investigation of middle school science teachers and students use of technology inside and outside of classrooms. *Educational Technology Research and Development*, 62(6), 637-662.